

O TIL

JORNAL LITTERARIO E RECREATIVO.

PUBLICAÇÃO DA TARDE.

N. 15 }

1875.

{ ANNO I.

O TIL.

A mulher morena.

De todos os seres do universo, que mais attenção mereceu de Deus, foi sem duvida a—mulher.

Deus, segundo o *genesis* fez o primeiro homem de um pouco de barro ; mas a mulher fel-a de uma costella, e esta de consistencia tão molle, que Adão a dormir não sentio que lh'a tirassem.

E' porque a mulher devia ser moldada de differente massa.

Logo a mulher foi feita de massa, porém de massa bem temperada e adubada com um poucachinho de vaidade, de ciume, leviandade ciume & &.

Na dosage deste tempero sobresahe a differença notavel das mulheres.

As romanticas levão um pouco mais de astucia e sangue-frio ; as rosadas um pouco mais de ira, pertinacia e arrebatamento ; as morenas um pouco de timidez e pejo.

Afóra a composição moral dessas paixões naturaes ; ha o concurso phisico de certos objectos que concorrem para o realce desses typos que podem mais ou menos influir na formosura : Por exemplo o—pò de arroz—é um auxiliar vantajoso das romanticas o—vermelhão e o carmim—das rosadas.

A morena' concorre-lhe a doçura do caldo da canna que lhe dà essa còr de rapadura tão estimada e que tanta variedade offerece entre o moreno claro e o mais carregado.

Vêr-se que a mulher morena se avan-

taja em tudo, a todas as outras.

A mulher morena não precisa de artificio para ser sempre bella.

Rainha, nos bailes; a luz nocturna é a que mais realce lhe dá.

Deslumbrante por essa còr que é uma meia-tinta, entre o claro brilhante, e o escuro profundo, o relevo da sua belleza se torna mais visivel, projectando-se em fundo, que se não confunde.

A mulher morena tem ainda por si o sectarismo, de todos que não pertencendo a esta especialidade, pretendem passar como taes.

Não ha mulher romantica ou rosada que não queira ser morena.

Morenas são todas no seu querer, no seu pensar e no seu viver.

Morenas são ainda no amar na dedicação, e até na faceirice.

Entretanto, a mulher morena é a mais apaixonada no seu amor, e a mais firme na amisade, e capaz dos maiores sacrificios.

Se quereis uma dedicação em extremo, amai á uma morena; ainda que ella se torne desdenhosa, a principio, voltai a carga, porque no seu coração sempre ha fogo para arder,

As chammas são mais intensas, porque se calão no intimo da alma.

Na roupagem, todas as còres lhe sobresahe ; como é linda, vestida mesmo á *havaneira* ? !

Salve a morena, que o seu composto é feito de alguma coisa mais que a costella de Adão !

VARIÉDADE

AVENTURAS SENTIMENTAES
 DE UMA FLORISTA E DE UM ESTUDANTE
 PASSADAS NO RIO DE JANEIRO
 Com licença de Arsène Houssay

(Continuação)

TOMO TERCEIRO
VII

Albertina ao ler esta carta, não chorou, porque já nem lágrimas tinha.

Todas as palavras d'esta carta passaram-lhe diante dos olhos, como chispas de fogo.

— Se elle aqui estivesse, matal-o-hia ! disse ella com odio.

Depois, calma e serena, fechou a janella, accendeu o fogareiro e deitou-se.

A tarde expirava; a noite aproximava-se, a noite que traz consigo a felicidade dos amantes e dos poetas: o céu estava azul, o sol lançava seu ultimo raio, a rosa seu ultimo perfume.

Albertina contemplou o ultimo raio do sol.

— E no entanto, disse ella consigo, o sol é tão festivo !

E lembrou-se que voltando com Adolpho uma vez do Jardim Botânico, sua

alma sentira-se enlevada com os raios do sol que lá fugia no horisonte. Ella agradeceu ao céu esta lembrança, e, quando o ultimo raio do sol desapareceu, murmurou baixinho: — Amanhã, nem mais o sol verei...

A desgraçada tentava asphyxiar-se; já ella respirava a custo, e a morte se apoderava de seu corpo, quando um realejo tocou na rua uma alegre aria de Offenback. E como o tocador estivesse parado emquanto apanhava o dinheiro, ella não pôde deixar de repetir na imaginação as ultimas notas d'essa aria.

E os lugubres phantasmas do seu delirio foram substituidos por imagens. Ella sonhou, como por encanto, com os prazeres da vida.

— Não ! exclamou ella correndo à janella, não quero morrer.

Abrio de par em par as janellas e deitou agua no carvão. A vida volta como o som reenviado pelo echo das montanhas.

— Que tolice ia eu fazer ! todo o tempo è tempo.

Tenho vinte annos e ainda não disse tudo.

RODA-PÉ DO «TIL»

Amabilissimos leitores

Com feia catadura, e desanimadores auspícios apresentou-se o anno de 1875.

Ainda quatro dias não se haviam escoado na estreita ampulheta do tempo, depois do seu apparecimento, quando o mais duro golpe foi vibrado sobre a sociedade catharinense.

Era uma perda irreparavel, que ella vinha de soffrer e um vacuo impreenchivel que se abria na mesma sociedade.

O luto, o pranto, a consternação, geral tomarão o lugar ao prazer e á satisfação que até então reinavão entre os pacificos habitantes d'esta Cidade.

Victima de uma prolongada e dolorosa

enfermidade, nos era cruelmente arrebatado pela inexoravel cumpridora dos Decretos do Altissimo o nosso charo e sympathico conterraneo, Major Estanisláo Valerio da Conceição !

Terrivel fatalidade pésa sobre nós !

Aquelles de nossos patricios que ainda no verdor da mocidade, alcanção na sociedade, pela sua intelligencia ou merecimentos, uma posição honrosa para si e gloriosa para o torrão que os vio nascer, cêdo succumbem ao vendaval da morte, embora lhes abunde a seiva e lhes afaguem meigas esperanças.

Tal era o nosso pranteado conterraneo.

Joven, favoneado da fortuna, cheio de vida e altamente collocado entre os seus patricios, teve seus preciosos dias cortados pela afiada fouce da morte, qual entonado carvalho que cedendo ao machado do le-

Adolpho voltou-lhe ao pensamento; e ella chorou e chorou muito.

E ao enchugar as ultimas lagrimas, murmurou apalpando o peito :

— Nada mais sinto aqui: parece-me que ouço cantar os passaros da primavera,
(Continúa.)

Amores de um nautico.

Bassula adorada de meu terno coração.

Quando a *Atalaia* de teus olhos me servia de *balisa* e *navegação* para o meu triste peito, foi quando se soltarão as *pêlas reaes* de teus affectos, e me vi obrigado a *aferrar* o *traquete* de meus receios, antes que cahisse a *trovoada* de tuas ingratições. Andei pairando na costa de minhas esperanças, vendo se a *catraia* de teus acenos me fazia signal para ir no *bordo* de teus afagos; mas vendo, que, faltava *agua* de tua vontade *dei fundo* com a *amarra* da minha tristeza.

Portanto, minha querida, peço-te que combines á *latitude* e *longitude* de nossos corações e verás que não andamos muito apartados do mesmo *meridiano*, e se me julgares digno de encher o *porão* do meu peito com a *mimoza carga* de tuas finezas, largarei *todo panno* do meu amor: e ajudado com os *cutellos* e *varredores* dos

nhador cae por terra para jámais ostentar a sua grandeza.

Sobre a fria lage do seu sepulchro vertemos uma sentida lagrima e a seus desolados parentes enviamos os sinceros pezames.

Ainda não estavam de todo enxutas as copiosas lagrimas amargamente derramadas por aquella sensível perda e já outra se fazia sentir n'esta Capital, arrancando novos prantos.

Um candido lyrio que cheio de encantos recendendo suaves odôres vicejava no jardim catharinense, a admiração e captando a *sympathia* d'aquelles que tinham a ventura de conhecê-lo e contemplá-lo, penchendo da haste emmurcheceo e cahio.

D. Mercêdes Izetto foi essa flôr colhida pela descarnada mão da Morte!

meus desejos, metterei a *papa arrazada* pelo *portalão* da casa de teu papae, ao qual darei a *bordagem* pedindo-lhe tua mão para faser as delicias de teu apaixonado

Manoel Talinga.

Contra-mestre da galera—Redondinha.—

POEZIAS.

—A' Sinhá.—

Minh'alma é triste ao dispor da vida
Qual dobre argenteo do feral cantor,
Bem como a folha que rolou perdida
Do bosque em meio suspirando—amor.

Minh'alma é um lagr' adormecido e morto
A' luz da lua—funeral clarão,
Baixel sem guia que sonhára o porto
E verga ao baque de cruel tufão!

Minh'alma é um tumulo q' cerrou-se á pouco
Guardando os restos de um presado bem,
Chispa dormente de um sonhar de louco
Cujo mysterio jamaes soube alguem.

E' triste a auzencia—como é triste o choro
Da creancinha que mendiga o pão...
E' como as per'las d'um gentil thesouro
Que vão no lôdo resvalar do chão!...

Mas, quando a idéa se transporta á um mundo
Que alem, distante sem cessar sorri.
A alma palpita n'um sonhar jocundo
Que eu só existo quando penso em ti!

Tão joven, tão linda, tão amavel, tão cheia de attractivos, não podia por muito tempo demorar-se no mundo—onde as mais bellas cousas teem o peor destino—, e como a rosa—viveo o espaço de uma manhã!

Na idade de deseseis annos incompletos morreo, pois aquelle anjo que constitua a felicidade de seus pais, e o orgulho dos catharinenses, pelos raros dotes que possuia, deixando a todos mergulhados em amargurado pranto. Abandonou este mundo que não era seu, e batendo as azas vôou para o Emyreo.

Permitta Deus que tão cedo não tenhamos de lastimar perdas iguaes á estas.

TIRTÊO.

Minh'alma è gruta de cheirosas flores
Que a mão da sina desfolhou de um córte,
Leito sombrio de calladas dores
Onde aguniso procurando a morte.

Mas, se algum dia, de soffrer cançado
Sentir na face da ventura o véo,
Irei zombando do cruento fado
Transpor a—gloria—que me aponta o ceo.

Então Sinhá.—eu buscarei no espaço
A luz dos astros para dar-te, sim...:
Hoje, só tenho da saudade o laço
E os firmes votos de um amor sem fim.

LOBO DA COSTA.

São Paulo, 20 de Agosto de 1874.

VERSOS

—A' TL.—

Meu nome.

Queres saber o meu nome?...
—Não é mister que t'o-diga....
Quando alguém vires em pranto,
se-contorcendo de dôres,
pallida a fronte curvada
pela angustia que consôme,
sem abrigo e sem amores,
face triste e descorada,
olhar vago e amortecido
pelo pranto resentido
que lhe-roubára os fulgores.....
pergunta-lhe o nome....e chora
o meu amargo soffrer....
pois por força hade esse martyr
ter o meu nome mulher!

12 de Janeiro de 75.

NESUN SIRPE.

O cego.

Não vejão o cego? mui tristonho e pobre,
Caminhando humilde, pois, se nada vê!
Em cada pedra que elle piza....cahi....
No magro rosto a maldição se lê!
E pela mão de quem lhe guia.... chega,
A alguma porta, suspirando aos ceus;
Com longa pausa, com a voz tremida
Pois, pede—esmola pelo amor de Deus!
Mas...se alguém d'elle compaixão não tem
Ou q' não veja o que no seu peito doe,
Na porta chega, sem ter dó, nem pena;
Solta uma voz que lhe diz—perdoe!...

Pobre do cego! . . . tudo ri e zomba,
Mas elle triste da alegria foge,
Sosinho exclama:—eu hontem fui rico,
Mas pela desgraça, pobre e cego hoje!

Quando a fome a cede no coração lhe doe,
—Diz então elle;vou pedir—mas...não!
Se eu peço negão-me, é chorar de balde,
Se dão-me agua, já me negão pão!...

Se verem um cego, enfraquecido e routo
De porta em porta co'o chapèo na mão,
Não lhe escutem do suspirar as dores,
Mas, dem-lhe ao menos o sustento, o pão.

Que val a vida a um pobre cego?

Si elle vive em crueis delirios! . . .

Que val pedir de porta em porta—esmola
Se quando negão lhe augmentão martyrios!

E' triste o cego, quando se ve perdido,
Sem ter ninguem que lhe ouça o pranto,
Levanta a mão e blasphema à Deus;
Mandai-me a morte, se eu já soffro tanto!

Quando não tem quem lhe guie à rua,
Pranteia triste sua longa lida. . . .
Se é dia ou noite, elle não sabe...pobre,
De Deus espera a findação da vida.

Não vejão o cego?...como caminha atoa
Qual esse nauta, sem um rumo ter!
Aqui, ali, cahi por páus e pedras;
Se levanta e grita;—é melhor morrer!

—Mais val morrer acabar co'a lida,
Deixar o mundo que para elle è caro,
Na sua vida escuridão só tem
Foje dos povos, d'um viver bem raro!
Janeiro, 16—75.

SANTOS NEVES.

ACROSTICO

Contigo virgem que adoro,
Tu quero a vida passar,
Chorando mesmo donzella,
—nteresso por te amar:
—ongede de ti não vejo.....
—magem que ao meo desejo,
—mor me venha offertar.

Desterro 7—75.

C. M.

Typ. do «Conservador.»